

Dissonâncias em Ébano: O Embate Ideológico entre José Correia Leite e Arlindo Veiga dos Santos

Dissonances in Ebony: The Ideological Clash between José Correia Leite and Arlindo Veiga dos Santos

UZIEL SANT'ANA
UNIFATECIE

Resumo: Este artigo analisa o embate ideológico entre José Correia Leite e Arlindo Veiga dos Santos, duas das mais influentes lideranças do movimento negro paulistano nas décadas de 1920 e 1930. A partir da análise aprofundada de suas trajetórias biográficas, formações intelectuais e de suas produções na imprensa negra, investigamos as profundas divergências que os opuseram. De um lado, o coletivismo de Leite, um autodidata de origem operária que defendia um socialismo democrático, a autonomia das associações de base e a aliança com outros movimentos populares. De outro, o nacionalismo autoritário de Veiga dos Santos, intelectual de formação elitista que pregava a união em torno de um líder forte e de um projeto político conservador, de inspiração monárquica e fascista. O estudo demonstra como esse conflito, que teve como epicentro a fundação e os rumos da Frente Negra Brasileira (FNB) e culminou no rompimento definitivo de Leite com a organização, não foi uma mera disputa pessoal, mas o reflexo da pluralidade e das tensões internas do movimento negro. Este buscava construir seu caminho em meio à intensa polarização política da Era Vargas, apropriando-se e ressignificando as grandes correntes ideológicas do século XX – como o socialismo, o fascismo e o liberalismo – para formular respostas próprias à questão racial no Brasil. A pesquisa conclui que a riqueza do movimento negro reside também em sua capacidade de gerar debate e abrigar projetos distintos e, por vezes, antagônicos.

Palavras-chave: Movimento Negro. José Correia Leite. Arlindo Veiga dos Santos. Frente Negra Brasileira. Imprensa Negra.

Abstract: This article analyzes the ideological clash between José Correia Leite and Arlindo Veiga dos Santos, two of the most influential leaders of the São Paulo Black movement in the 1920s and 1930s. Through an in-depth analysis of their biographical trajectories, intellectual backgrounds, and their writings in the Black press, we investigate the profound disagreements that set them against each other. On one hand, there was Leite's collectivism; a self-taught man from a working-class background who advocated for democratic socialism, the autonomy of grassroots associations, and alliances with other popular movements. On the other hand, there was the authoritarian nationalism of Veiga dos Santos, an intellectual with an elitist education who preached unity around a strong leader and a conservative political project inspired by monarchism and fascism. The study demonstrates how this conflict, centered on the founding and direction of the Frente Negra Brasileira (FNB) and culminating in Leite's definitive break with the organization, was not a mere personal dispute but a reflection of the plurality and internal tensions within the Black movement. It sought to forge its path amidst the intense political polarization of the Vargas Era, appropriating and re-signifying the major ideological currents of the 20th century—such as socialism, fascism, and liberalism—to formulate its own answers to the racial question in Brazil. The research concludes that the richness of the Black movement also lies in its capacity to generate debate and accommodate distinct and sometimes antagonistic projects.

Keywords: Black Movement; José Correia Leite; Arlindo Veiga dos Santos; Brazilian Black Front; Black Press.

1 INTRODUÇÃO

A história do movimento negro no Brasil é marcada por uma rica e complexa diversidade de pensamentos, estratégias e lideranças. Longe de constituir um bloco monolítico ou homogêneo, o movimento sempre se configurou como um campo vibrante de debates, disputas e contradições, refletindo as múltiplas realidades socioeconômicas da população negra e os diferentes caminhos propostos para sua emancipação. Essa pluralidade, longe de ser um sinal de fraqueza, constitui uma das maiores forças do movimento, pois revela sua capacidade de dialogar com diferentes tradições políticas, de se reinventar diante de contextos adversos e de formular respostas criativas às formas persistentes de exclusão racial.

Um dos episódios mais emblemáticos e reveladores dessa diversidade foi o embate ideológico travado entre José Correia Leite e Arlindo Veiga dos Santos, na efervescente cidade de São Paulo das décadas de 1920 e 1930. Esse período, situado entre o final da Primeira República e a ascensão da Era Vargas, foi marcado por intensas redefinições políticas, sociais e culturais no país. A comunidade negra paulistana, em plena organização, não esteve imune a essas transformações: pelo contrário, foi protagonista de experiências associativas, culturais e políticas que buscavam redefinir o lugar do negro na sociedade brasileira.

A década de 1920, em particular, foi um verdadeiro caldeirão de insatisfações que permearam todos os âmbitos da vida social. As revoltas tenentistas questionavam a legitimidade do regime oligárquico; o movimento operário, em ascensão, articulava correntes anarquistas, socialistas e comunistas; e, no campo cultural, a Semana de Arte Moderna de 1922 proclamava novas perspectivas para a identidade nacional, abrindo espaço para que vozes antes marginalizadas reivindicassem visibilidade. Nesse ambiente de efervescência, os movimentos sociais liderados por afrodescendentes encontraram terreno fértil para se fortalecer, ainda que enfrentando a barreira persistente do racismo estrutural.

É nesse contexto que emergem as figuras de Leite e Veiga dos Santos. O primeiro, fundador do combativo jornal *O Clarim d'Alvorada*, era um homem de origem humilde, autodidata, nascido em 1900 na antiga região do quilombo da Saracura, em São Paulo. Forjado nas dificuldades do trabalho infantil e na experiência cotidiana da discriminação racial, Leite defendia um projeto coletivista de base, inspirado em ideais socialistas e na autonomia das associações negras. Já Veiga dos Santos, nascido em Itu em 1902 e educado

na elite do Colégio São Luís, propunha um nacionalismo autoritário, de inspiração monárquica e com claras influências do fascismo europeu. Como primeiro e carismático “Chefe” da Frente Negra Brasileira (FNB), ele encarnava uma visão hierárquica e centralizadora, que via no Estado forte a única via para garantir a ordem e, nesse processo, assegurar um lugar de destaque para a “raça negra”.

Este artigo tem como objetivo central analisar as raízes, as manifestações e as consequências desse conflito, argumentando que ele não foi apenas uma disputa pessoal por poder ou prestígio, mas o reflexo de tensões mais profundas sobre os rumos da luta antirracista no Brasil. O confronto entre Leite e Veiga dos Santos não pode ser reduzido a uma mera animosidade entre duas personalidades fortes: ele representa, em sua essência, a colisão de dois projetos distintos de nação e de inserção do negro nesta nação.

De um lado, a visão de Leite, alinhada a um projeto de democracia social, que via na organização autônoma da classe trabalhadora — incluindo seus segmentos negros — o motor para a superação das desigualdades estruturais, tanto de classe quanto de raça. De outro, a visão de Veiga dos Santos, que, desconfiado da democracia liberal e de seus mecanismos, apostava em um Estado forte, hierárquico e centralizado como o único capaz de impor a ordem e, nesse processo, garantir um lugar de destaque para a população negra, desde que esta se mostrasse disciplinada e leal a uma liderança incontestável.

A análise desse embate é essencial para desconstruir narrativas simplificadoras e muitas vezes anacrônicas sobre o movimento negro. Ela revela que a comunidade negra não estava isolada das grandes disputas ideológicas que marcaram o século XX, como o confronto global entre fascismo, liberalismo e socialismo. Pelo contrário, intelectuais e militantes negros se apropriaram ativamente dessas correntes de pensamento, traduzindo-as para a realidade brasileira, adaptando-as e utilizando-as para formular suas próprias respostas ao persistente problema do racismo. Esse processo gerou um campo de debate intelectual vibrante, complexo e, por vezes, dolorosamente fraturado.

O palco principal desse confronto foi a imprensa negra paulistana, que vivia seu auge. A existência dessa imprensa não era novidade do século XX: suas raízes remontam ao século XIX, com periódicos como *O Homem de Cor* (1833), que, mesmo sob o regime escravista, já questionavam o status quo e as promessas não cumpridas de cidadania. No final do século XIX, jornais como *O Progresso* (1899) antecipavam debates cruciais sobre

educação, organização de classe e crítica à imigração europeia, demonstrando uma continuidade histórica na luta e na reflexão da intelectualidade negra.

No século XX, veículos como O Clarim d'Alvorada, o dissidente Chibata (fundado por Leite justamente para combater a FNB) e A Voz da Raça (órgão oficial da Frente) não foram apenas meios de informação ou entretenimento. Eles se constituíram como verdadeiras arenas políticas, onde Leite e Veiga dos Santos, e seus respectivos aliados, travaram uma intensa batalha de ideias. A análise de artigos, editoriais, manifestos e até mesmo notas sociais publicados nesses periódicos permite reconstruir os argumentos, as acusações, as estratégias retóricas e as visões de mundo de cada lado, oferecendo uma visão privilegiada da disputa.

A trajetória da Frente Negra Brasileira (FNB) é, inevitavelmente, o epicentro desse conflito. A organização, que nasceu de um ideal de união amplamente defendido por Leite e seu grupo em O Clarim, acabou sendo dominada pela visão autoritária e personalista de Veiga dos Santos, o que levou ao afastamento e, posteriormente, à oposição ferrenha do primeiro. O estudo da FNB sob essa ótica, focando em suas tensões internas e na disputa pela hegemonia, ajuda a compreender por que um movimento com tanto potencial de mobilização acabou se fragmentando e por que sua liderança gerou tanta controvérsia, legando uma memória ambígua.

Por fim, este estudo, que se aprofunda no núcleo da dissertação *Contradições em Ébano* (Almeida, 2025), busca contribuir para uma história mais plural e crítica do movimento negro, que não silencie suas dissonâncias internas em nome de uma unidade artificial ou romantizada. Ao colocar em evidência o embate entre Leite e Veiga dos Santos, pretende-se mostrar que a riqueza desse movimento reside também em sua capacidade de gerar debate, de abrigar projetos distintos e de refletir, em seu seio, as grandes contradições da sociedade brasileira. Compreender essa diversidade é fundamental para fazer justiça à complexidade do passado e para inspirar, com senso crítico, as lutas do presente.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA/ REFERENCIAL TEÓRICO

2.10 Movimento Negro como Campo Político

Para analisar o complexo embate ideológico entre José Correia Leite e Arlindo Veiga dos Santos, é necessário recorrer a um arcabouço teórico diversificado, capaz de iluminar

tanto as trajetórias individuais desses dois intelectuais quanto o contexto social, cultural e político em que a disputa se desenrolou. A pesquisa ancora-se em uma análise histórica que considera as continuidades e rupturas do associativismo negro desde o século XIX, reconhecendo que a imprensa e as organizações das décadas de 1920 e 1930 não surgiram no vácuo, mas foram herdeiras de uma longa tradição de resistência e organização. Essa tradição se manifestava desde as irmandades religiosas católicas, que funcionavam como espaços de sociabilidade e solidariedade, até os primeiros jornais combativos do período pós-abolição, que já denunciavam a exclusão social e política da população negra.

Assim, compreender o embate entre Leite e Veiga dos Santos exige situá-lo em uma genealogia mais ampla de lutas, marcada pela persistência da desigualdade racial e pela criatividade das formas de mobilização. O conceito de “campo político”, de Pierre Bourdieu (1989), constitui uma ferramenta analítica central para este estudo. O movimento negro da época pode ser visto como um campo em plena estruturação, com seus próprios agentes (líderes, jornalistas, presidentes de associações, militantes de clubes e grêmios), suas regras e suas disputas por capital simbólico (legitimidade, reconhecimento público, autoridade moral) e político (capacidade de mobilização, acesso a recursos, influência sobre a comunidade).

Dentro desse campo, Leite e Veiga dos Santos lutavam pela hegemonia, ou seja, pela capacidade de impor sua visão de mundo e seu projeto como o mais legítimo para toda a comunidade negra. O “capital militante” que cada um acumulava era distinto: o de Leite vinha de sua longa trajetória na imprensa, de sua inserção em associações de base e de sua proximidade com a experiência cotidiana da classe trabalhadora negra; já o de Veiga dos Santos advinha de seu capital cultural erudito, de sua formação escolar de elite e de sua habilidade em articular um discurso grandioso, impregnado de religiosidade e nacionalismo. A própria existência de dezenas de periódicos e associações em São Paulo, como detalhado por Carvalho (2009) e Ferrara (1985), evidencia a complexidade e a efervescência desse campo em disputa, no qual a legitimidade era constantemente negociada e contestada.

A literatura sobre imprensa negra também fornece um referencial indispensável. Pesquisadores como Almeida (2025), Pinto (2010) e Domingues (2006) demonstram que os jornais negros não eram apenas veículos de informação, mas espaços de elaboração intelectual e de disputa política. A imprensa funcionava como arena de legitimação, onde se construía reputações, se travavam polêmicas e se definia quem tinha autoridade para

falar em nome da comunidade. Nesse sentido, o embate entre *O Clarim d'Alvorada*, Chibata e *A Voz da Raça* deve ser lido como parte de uma luta simbólica mais ampla, na qual a palavra impressa era uma arma política de primeira ordem.

A análise dos periódicos, portanto, não é apenas uma fonte documental, mas um campo de investigação que revela as estratégias discursivas e os projetos de poder em disputa.

2.2 Intelectuais Orgânicos e Tradicionais: Gramsci e a Liderança Negra

A teoria dos “intelectuais orgânicos”, de Antonio Gramsci (1999), também é fundamental para compreender os diferentes papéis que Leite e Veiga dos Santos buscaram desempenhar. Leite, com sua origem operária, sua formação autodidata e sua atuação a partir da base, aproxima-se do modelo de intelectual orgânico da classe trabalhadora, que busca elevar a consciência de seu grupo a partir de suas próprias experiências, linguagens e práticas culturais. Seu depoimento a Cuti (2007) revela um percurso de conscientização que parte da experiência concreta da discriminação racial e do trabalho precoce, e que se traduz em uma militância pedagógica, voltada para a formação política de sua comunidade. Ele não trazia uma teoria pronta, mas a construía em diálogo com os sujeitos de sua própria realidade.

Veiga dos Santos, por sua vez, com sua formação elitista em colégios jesuítas, seu repertório erudito e seu projeto de liderança verticalizada, assemelha-se mais ao intelectual tradicional que busca se conectar a um movimento popular para implementar seu projeto político. Nesse processo, ele “traduzia” ideologias complexas, como o patrianovismo, o corporativismo e o integralismo católico, para as massas negras, muitas vezes de forma dogmática e autoritária. Essa diferença de posição social e de estilo intelectual ajuda a explicar a natureza do conflito entre ambos.

Outro aspecto teórico relevante é a noção de hegemonia cultural, também derivada de Gramsci (1999), que ajuda a compreender como cada liderança buscava não apenas organizar politicamente a comunidade negra, mas também moldar seus valores, símbolos e identidades. Leite, ao apostar na imprensa como instrumento de conscientização, procurava construir uma hegemonia contra-hegemônica, capaz de disputar o imaginário social com a ideologia dominante que naturalizava a inferiorização do negro. Já Veiga dos Santos, ao adotar símbolos de disciplina, uniformização e culto à liderança, buscava criar uma

hegemonia interna, centralizada, que desse coesão e visibilidade à comunidade negra, ainda que ao custo de restringir a pluralidade de vozes.

2.3 Culturas Políticas em Conflito

Outro referencial importante é a discussão sobre as “culturas políticas”, conceito amplamente utilizado pela historiografia para compreender as formas de pensar e praticar a política em diferentes contextos. Leite e Veiga dos Santos eram portadores de culturas políticas distintas e, em muitos aspectos, antagônicas. Leite estava imerso em uma cultura política de esquerda, que valorizava a democracia de base, o associativismo horizontal, a solidariedade de classe e a luta por direitos sociais. A obra de Ferreira (2005) é fundamental para entender essa perspectiva, conectando Leite a um universo de ideias socialistas, anarquistas e sindicalistas que circulavam no meio operário paulistano.

Veiga dos Santos, por outro lado, pertencia a uma cultura política de direita, católica, tradicionalista e autoritária, que valorizava a hierarquia, a disciplina, a ordem e a autoridade de um líder carismático. Os estudos de Malatian (2015) e Domingues (2006; 2008) sobre o patrianovismo e a Frente Negra Brasileira são essenciais para decifrar essa visão de mundo, que dialogava com movimentos conservadores católicos e com o fascismo europeu, manifestando-se em símbolos como uniformes, desfiles, rituais cívico-religiosos e o culto ao “Chefe”. O embate entre eles foi, portanto, o choque entre duas diferentes formas de conceber e praticar a política, cada uma enraizada em tradições intelectuais e culturais específicas.

A questão da aliança com outros setores sociais é outro ponto de divergência basilar que emerge da análise. Leite, em sua perspectiva socialista, via a necessidade e a possibilidade de alianças com o movimento operário branco na luta comum contra o capitalismo, que ele entendia como a raiz tanto da exploração de classe quanto do racismo. Ele acreditava em uma frente ampla dos explorados, na qual a solidariedade de classe poderia se sobrepor às divisões raciais. Veiga dos Santos, em seu nacionalismo racial, era profundamente cético em relação a essas alianças. Para ele, a experiência histórica de exclusão e preconceito tornava inviável confiar em setores brancos da classe trabalhadora. Assim, pregava uma organização estritamente negra, autônoma e disciplinada, buscando

apoio em setores conservadores da elite branca, como a Igreja Católica e os círculos monarquistas.

Essa postura gerava profundas desconfianças e acusações de seus opositores, que viam nela uma contradição: ao mesmo tempo em que pregava a valorização da “raça negra”, Veiga se aproximava de instituições que historicamente haviam legitimado a escravidão e a exclusão racial. Para ele, a questão racial era primordial e não deveria ser diluída em uma luta de classes mais ampla, o que o colocava em rota de colisão com a perspectiva de Leite.

2.4 Tradução Cultural e Polarização Ideológica

O conceito de “tradução cultural” é útil para pensar como Veiga dos Santos e Leite se apropriaram de ideologias europeias e as adaptaram ao contexto brasileiro. Como argumentado na pesquisa matriz *Contradições em Ébano* (Almeida, 2025), eles não foram meros imitadores de modelos estrangeiros. Veiga dos Santos “traduziu” o fascismo e o monarquismo para a realidade brasileira e para a causa negra, em um complexo processo de ressignificação que os adaptava a um projeto de valorização racial. Isso pode ser observado em seu programa político, que mesclava corporativismo, defesa da “Gente Negra patricia” e um discurso de ordem e disciplina inspirado no catolicismo integralista.

Da mesma forma, Leite não importou um “socialismo” pronto; ele o articulou com as tradições de solidariedade, associativismo e luta da comunidade negra, presentes nos grêmios recreativos, nas associações culturais e nos clubes sociais. O resultado foi uma síntese original, que combinava elementos do socialismo internacional com práticas comunitárias locais, criando uma forma de militância profundamente enraizada na realidade paulistana.

Finalmente, a análise se insere no quadro mais amplo da polarização política da Era Vargas. A radicalização de posições entre esquerda e direita, que marcou a década de 1930 com o embate entre a Ação Integralista Brasileira (AIB) e a Aliança Nacional Libertadora (ANL), refletiu-se também no movimento negro. Leite e Veiga dos Santos podem ser vistos como os expoentes dessa polarização dentro da comunidade negra. O embate entre eles não era, portanto, um caso isolado, mas a expressão, no campo da luta racial, da grande disputa ideológica que definia os rumos do Brasil naquele período.

As obras de Alberti & Pereira (2018) sobre a pluralidade dos movimentos sociais fornecem o contexto mais amplo para essa disputa, mostrando como diferentes grupos

sociais se engajaram em projetos políticos que refletiam a polarização da sociedade brasileira. Nesse sentido, o embate entre Leite e Veiga dos Santos deve ser entendido não apenas como uma disputa interna ao movimento negro, mas como parte de um processo mais amplo de circulação de ideias, de apropriação seletiva de ideologias globais e de inserção da população negra nos debates centrais da política nacional.

Tanto Leite quanto Veiga dos Santos estavam atentos a debates internacionais: o primeiro dialogava com o socialismo e com experiências de organização operária, enquanto o segundo se inspirava em modelos autoritários europeus e em tradições católicas transnacionais. Essa circulação de ideias mostra que o movimento negro brasileiro não era isolado, mas parte de um fluxo global de trocas intelectuais e políticas. A “tradução cultural” dessas ideologias para o contexto brasileiro foi um processo criativo e seletivo, que produziu sínteses originais e, ao mesmo tempo, tensões internas.

Por fim, é importante destacar que a análise aqui proposta se insere em uma historiografia que busca superar visões homogêneas do movimento negro. Almeida (2025) demonstrou em sua pesquisa a pluralidade de estratégias e a diversidade de projetos políticos que marcaram a trajetória da população negra no Brasil. Ao adotar esse referencial, este estudo procura evidenciar que a riqueza do movimento negro reside justamente em sua capacidade de abrigar contradições e de refletir as grandes disputas que atravessaram a sociedade brasileira no século XX.

Assim, a fundamentação teórica aqui delineada permite compreender o embate entre José Correia Leite e Arlindo Veiga dos Santos como um fenômeno multifacetado: ao mesmo tempo expressão de trajetórias individuais, resultado de disputas internas do movimento negro e reflexo das polarizações políticas mais amplas da sociedade brasileira. A combinação de conceitos como campo político, intelectuais orgânicos, culturas políticas, hegemonia cultural e tradução cultural fornece as ferramentas necessárias para analisar a complexidade desse confronto.

3 METODOLOGIA / RESULTADOS E DISCUSSÃO

A metodologia central que norteia este trabalho consiste em uma minuciosa análise histórico-comparativa dos discursos, das práticas políticas e dos projetos de organização social propostos por duas das mais proeminentes figuras do movimento negro paulistano da

primeira metade do século XX: José Correia Leite e Arlindo Veiga dos Santos. A pesquisa, de natureza qualitativa e documental, foi conduzida por meio de um mergulho aprofundado em um corpus de fontes primárias, que funcionaram como o palco principal onde as visões de mundo desses líderes se confrontaram. Notadamente, foram dissecados artigos, editoriais, manifestos e notas publicados por ambos e seus respectivos aliados nos principais veículos da imprensa negra do período. Jornais como O Clarim d'Alvorada, um dos mais longevos e influentes, o combativo Chibata, fundado por Leite justamente no auge do conflito, e A Voz da Raça, o órgão oficial da Frente Negra Brasileira, foram examinados não apenas como registros, mas como agentes ativos no debate.

Adicionalmente, a análise se estendeu a documentos institucionais, com destaque para os estatutos da Frente Negra Brasileira, que codificam a estrutura de poder da organização, e o depoimento de Leite a Cuti (2007), uma fonte memorialística de valor inestimável que oferece uma perspectiva pessoal e crítica sobre os eventos. O procedimento analítico buscou, sistematicamente, mapear a trajetória do relacionamento político entre os dois, identificando os pontos de convergência inicial, os fatores catalisadores da divergência e a natureza das críticas que um dirigia ao outro, direta ou indiretamente. O objetivo final foi reconstruir a complexidade desse debate para demonstrar como ele expressava projetos fundamentalmente distintos para a inserção e emancipação do negro na sociedade brasileira.

Os resultados dessa análise revelam uma trajetória que se desdobra em um arco dramático, partindo de uma colaboração promissora em direção a uma ruptura definitiva e irreconciliável. A colaboração inicial floresceu em um terreno fértil, nutrido pelo desejo compartilhado e urgente de unificar as dispersas associações negras de São Paulo. Esse anseio por unificação não era fortuito, mas sim uma resposta direta às condições de marginalização e exclusão social que persistiam décadas após a abolição.

José Correia Leite, através das páginas de O Clarim d'Alvorada, emergiu como um dos mais insistentes e eloquentes defensores de uma "Confederação dos Homens Pretos", um órgão que congregaria e fortaleceria as diversas entidades. Foi nesse contexto de efervescência e otimismo que Arlindo Veiga dos Santos, então uma figura em ascensão, começou a colaborar com o jornal, culminando na elaboração conjunta do manifesto do "Congresso da Mocidade Negra", publicado com grande alarde em junho de 1929. O manifesto, cuja redação é atribuída a Veiga dos Santos, exalava um espírito de unidade e

convocava vibrantemente: "Mocidade negra patrícia, une-te num esforço de solidariedade pela causa da raça e da pátria!".

A discussão aprofundada dos resultados aponta que a fundação da Frente Negra Brasileira (FNB), em 16 de setembro de 1931, foi o ponto de inflexão dramático e irrevogável. O que deveria ser a materialização do sonho de união tornou-se o epicentro do conflito. Leite e seu grupo, que foram os pioneiros e principais articuladores da ideia, viram-se subitamente preteridos na estrutura de poder da nova e grandiosa organização. A FNB, sob o comando férreo e centralizador de Veiga dos Santos, rapidamente assumiu um caráter personalista e autoritário que colidia frontalmente com os ideais democráticos e federalistas de Leite.

A imposição de Veiga dos Santos como "Chefe" da organização e a criação de um "Grande Conselho" com poderes quase ilimitados foram o estopim para o rompimento. O estatuto da FNB, um documento revelador publicado no Diário Oficial em novembro de 1931, concedia ao "Chefe" poderes absolutos sobre a direção da entidade, uma prerrogativa que Leite, em seu depoimento posterior, não hesitou em classificar como "fascista" e diretamente "inspirado no fascismo italiano" de Mussolini, um fenômeno político em plena ascensão na Europa.

A divergência ideológica, antes restrita aos bastidores, transbordou para uma virulenta guerra aberta nas páginas da imprensa. Leite, sentindo-se traído e alarmado com os rumos da FNB, fundou o jornal Chibata — um nome de forte simbolismo, evocando a resistência contra a opressão — com o propósito explícito de combater o que considerava um perigoso desvio autoritário. Em suas publicações, atacava sistematicamente o estatuto "fascista" da FNB e a ideologia monarquista e integralista de Veiga dos Santos. Este, por sua vez, utilizava A Voz da Raça como uma poderosa máquina de propaganda para consolidar seu poder, desferindo ataques aos "internacionalismos" — uma referência clara ao socialismo de Leite — e buscando deslegitimar as críticas de seu antigo aliado, numa tentativa de apagar seu papel pioneiro na idealização do movimento.

Em um artigo de março de 1933, por exemplo, Veiga dos Santos conclamava os "Frentenegrinos" a defenderem a pátria contra as "ideologias estrangeiras", uma indireta inequívoca ao grupo de Leite. O ápice e o mais trágico capítulo desse conflito foi o empastelamento da oficina gráfica do jornal de Leite, um ato de violência física que extrapolou o campo das ideias e simbolizou a fratura definitiva do movimento. Este evento,

atribuído por Leite a membros da FNB, marcou a passagem da divergência para a inimizade declarada, silenciando pela força uma voz dissonante.

A análise comparativa das propostas organizacionais revela essa dicotomia de forma cristalina: Leite defendia um modelo federativo, horizontal, baseado na autonomia e na cooperação entre as associações já existentes, valorizando a construção coletiva e a democracia de base. Veiga dos Santos, ao contrário, impôs um modelo centralizador, unitário e vertical, com uma estrutura hierárquica rígida e a subordinação total das seções municipais ao comando do "Chefe".

A FNB possuía uma estrutura complexa, com departamentos (intelectual, musical, esportivo), uma milícia uniformizada e até mesmo um gabinete dentário, funcionando como um verdadeiro proto-Estado para a comunidade negra, que oferecia serviços e assistência, mas exigia em troca lealdade e disciplina. Essa diferença fundamental reflete suas visões políticas antagônicas — a democracia de base versus a liderança autoritária —, resultando não apenas na cisão do movimento, mas na formação de duas culturas militantes distintas e concorrentes dentro do ativismo negro paulistano, cujos ecos se faziam sentir por décadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O embate entre José Correia Leite e Arlindo Veiga dos Santos constitui um capítulo fundamental e de profundo significado para a compreensão da história do movimento negro no Brasil. Ele revela, de forma contundente, que a luta antirracista nunca foi um campo monolítico, mas sim um espaço dinâmico de tensões, debates e da formulação de distintos caminhos para a emancipação. As dissonâncias entre o coletivismo de inspiração socialista de Leite e o nacionalismo autoritário de Veiga dos Santos não representam uma anomalia, mas sim a expressão dos dilemas, das contradições e da riqueza de uma comunidade que buscava se afirmar politicamente em um dos períodos mais conturbados da história nacional, a polarizada década de 1930.

Longe de enfraquecer o movimento, essa pluralidade de vozes, ainda que conflituosa, enriqueceu o debate e demonstrou a vitalidade intelectual da luta negra. A história desse embate nos convida a valorizar a diversidade de perspectivas dentro dos movimentos sociais e a reconhecer que não há uma única fórmula ou estratégia exclusiva para a emancipação. O legado de Leite e Veiga dos Santos, com suas convergências iniciais

e suas profundas divergências posteriores, continua a nos ensinar sobre os complexos desafios da construção de uma sociedade verdadeiramente igualitária, onde a unidade não signifique a anulação da diversidade de pensamento e de ação.

Este confronto ideológico não ocorreu em um vácuo, mas foi profundamente influenciado pelo caldeirão político da Era Vargas e pela ascensão de correntes antagônicas no cenário global. De um lado, o fascismo europeu e sua variante brasileira, o integralismo, inspiravam modelos de organização centralizados, hierárquicos e baseados no culto a um líder, um ideal que claramente ressoou no projeto de Veiga dos Santos para a Frente Negra Brasileira (FNB). Do outro lado, as ideologias de esquerda e os movimentos operários ofereciam um contraponto, defendendo a solidariedade de classe e a organização de base como ferramentas de transformação social, uma visão alinhada ao pensamento de Correia Leite. O movimento negro, portanto, não estava isolado, mas era um protagonista ativo que interpretava e adaptava essas grandes correntes de pensamento à sua realidade específica.

O conflito também evidencia a importância significativa do controle das narrativas na arena política. Ambos os líderes compreenderam o poder da imprensa como ferramenta de propaganda e de construção de hegemonia. A batalha editorial travada entre O Clarim d'Alvorada, o combativo Chibata e o oficial A Voz da Raça foi, em essência, uma disputa pela definição de quem era o "verdadeiro" representante dos interesses da comunidade negra. Essa luta pela legitimidade, travada com a tinta e o papel, é uma característica central de qualquer campo político e demonstra a maturidade que o movimento negro havia alcançado.

Apesar do antagonismo profundo, é possível identificar um terreno comum em suas preocupações: a necessidade imperativa de organização, o combate frontal ao racismo, a valorização da identidade negra e a busca por cidadania plena. Ambos, a partir de seus referenciais ideológicos e de suas trajetórias de vida, dedicaram-se incansavelmente a essa causa. O que os separava, de forma irreconciliável, não era o objetivo final — a emancipação do povo negro —, mas os meios, as estratégias e o modelo de sociedade a ser construído para alcançá-lo. Essa distinção entre fins e meios é essencial para uma análise equilibrada de suas trajetórias, evitando a simplificação de um como "herói" e outro como "vilão".

O legado de José Correia Leite reside em sua defesa intransigente da democracia, da organização popular e da solidariedade que transcendia a raça para abraçar a classe. Sua

trajetória representa a aposta na conscientização e na auto-organização como os pilares da luta, com uma profunda desconfiança de soluções impostas "de cima para baixo" por líderes messiânicos. Ele encarnou a vertente do ativismo negro que via a emancipação racial como indissociável da luta por uma sociedade mais ampla, justa e igualitária para todos os trabalhadores, estabelecendo pontes com outros movimentos sociais de sua época e defendendo uma visão internacionalista.

Por outro lado, o legado de Arlindo Veiga dos Santos é mais ambíguo e complexo. Ele nos lembra da extraordinária capacidade de organização e do impacto que uma liderança carismática pode ter na mobilização de massas, transformando a Frente Negra Brasileira em um movimento de alcance nacional sem precedentes. A FNB ofereceu dignidade, pertencimento e assistência concreta a milhares de negros. No entanto, sua trajetória também serve como um alerta permanente sobre os perigos do autoritarismo, do personalismo e da intolerância ideológica, mesmo quando mobilizados em nome de uma causa justa.

Este estudo sobre as dissonâncias do passado pode, e deve, iluminar os debates do presente. O movimento negro contemporâneo continua a enfrentar dilemas estratégicos que ecoam o confronto da década de 1930: a tensão entre reformismo e ruptura, entre a participação institucional e a autonomia radical, entre as pautas identitárias e a luta de classes. Conhecer a história do embate entre Leite e Veiga dos Santos ajuda a navegar os desafios atuais com mais sabedoria e consciência crítica, reconhecendo que as contradições não foram um acidente, mas um elemento estruturante da mobilização negra no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araujo (Orgs.). **Histórias do movimento negro no Brasil**: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC/FGV, 2018. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/20054>. Acesso em: 18 dez. 2025.

ALMEIDA, Uziel Ananias Sant'Ana. **Contradições em Ébano**: mobilização e representatividade negra no Pós Abolição. 2025. 161 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2025.

BACELAR, Jeferson. **A formação de uma elite de cor**: o caso da Bahia na Primeira República. Salvador: EDUFBA, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34190>. Acesso em: 18 dez. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CARVALHO, Gilmar Luiz de. **A Imprensa Negra Paulistana entre 1915 e 1937**. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-11022010-151046/pt-br.php>. Acesso em: 18 dez. 2025.

CUTI. **...E disse o velho militante José Correia Leite**. 19. ed. rev. São Paulo: Noovha América, 2007.

DOMINGUES, Petrônio. O "messias" negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978): "viva a nova monarquia brasileira; viva Dom Pedro III!". **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 517-536, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/XhYx7vNqXq3q9v8LzXm/>. Acesso em: 18 dez. 2025.

DOMINGUES, Petrônio. **A nova abolição**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

FERRARA, Miriam Nicolau. A imprensa negra paulistana (1915/1963). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 197-207, mar./ago. 1985. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbh/article/view/90460>. Acesso em: 18 dez. 2025.

FERREIRA, Maria Cláudia Cardoso. **Representações sociais e práticas políticas do Movimento Negro paulistano: as trajetórias de Correia Leite e Veiga dos Santos (1928-1937)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <https://www.btd.uerj.br/handle/1/1542>. Acesso em: 18 dez. 2025.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Edição de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999-2002. 6 v.

MALATIAN, Teresa Maria. **O Cavaleiro negro: Arlindo Veiga dos Santos e a Frente Negra Brasileira**. São Paulo: Alameda, 2015.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa negra no Brasil do século XIX**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

APÊNDICE

| PERIÓDICOS CONSULTADOS | | | | |
|------------------------|-----------|-----------------------------|---|---|
| PERIÓDICO | LOCAL | DATA DA PRIMEIRA PUBLICAÇÃO | DATA DOS NÚMEROS CONSULTADOS | LINK |
| O CLARIM D'ALVORADA | SÃO PAULO | 06/01/1924 | 06/01/1924; 03/02/1924 02/03/1924; 06/04/1924 13/05/1924; 22/06/1924 12/10/1924; 07/12/1924 25/01/1925; 25/07/1925 30/08/1925; 27/09/1925 15/11/1925; 27/12/1925 24/01/1926; 21/03/1926 25/04/1926; 13/05/1926 20/06/1926; 24/07/1926 22/08/1926; 26/09/1926 24/10/1926; 14/11/1926 15/01/1927; 20/02/1927 | https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=844918&pagfis=1 |

| | | | | |
|---------------|-----------|------------|---|---|
| | | | 17/04/1927; 13/05/1927 18/06/1927; 17/07/1927 15/10/1927; 05/02/1928 04/03/1928; 01/04/1928 03/06/1928; 01/07/1928 12/08/1928; 21/10/1928 06/01/1929; 03/02/1929 13/05/1929; 09/06/1929 14/07/1929; 18/08/1929 28/09/1929; 27/10/1929 24/11/1929; 25/01/1930 13/04/1930; 13/05/1930 23/08/1930; 28/09/1930 26/07/1931; 28/09/1931 20/12/1931; ?/01/1932 13/05/1932; 28/09/1940 | |
| CHIBATA | SÃO PAULO | ?/02/1932 | ?/02/1932 ?/03/1932 | https://bndigital.bn.br/acervo-digital/chibata/845035 . |
| A VOZ DA RAÇA | SÃO PAULO | 18/03/1933 | 18/03/1933; 25/03/1933 | https://bndigital.bn.br/acervo-digital/a-voz-da-raca/845027 . |

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | | | 01/04/1933; 08/04/1933 15/04/1933; 22/04/1933 29/04/1933; 06/05/1933 13/05/1933; 20/05/1933 03/06/1933; 10/06/1933 17/06/1933; 24/06/1933 01/07/1933; 08/07/1933 15/07/1933; 05/08/1933 19/08/1933; 02/09/1933 16/09/1933; 30/09/1933 28/10/1933; 11/11/1933 25/11/1933; 09/11/1933 23/12/1933; 06/01/1934 20/01/1934; 03/02/1934 17/02/1934; 17/03/1934 31/03/1934; 14/04/1934 28/04/1934; 26/05/1934 23/06/1934; 07/07/1934 | |
|--|--|--|--|--|

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | | | 11/08/1934; 15/12/1934 29/12/1934; 11/05/1935 29/06/1935; 31/05/1935 23/11/1935; 31/12/1935 ?/03/1936; ?/04/1936 ?/05/1936; ?/06/1936 ?/07/1936; ?/08/1936 ?/09/1936; ?/10/1936 ?/11/1936; ?/12/1936 ?/01/1937; ?/02/1937 ?/03/1937; ?/04/1937 ?/05/1937; ?/06/1937 ?/07/1937; ?/08/1937 ?/09/1937; ?/11/1937 | |
| Alguns periódicos foram publicados apenas com o mês, sem o dia. Nos casos em que não foi possível precisar a data de publicação, foi utilizado “?”, seja para o dia, mês ou ano. | | | | |